

## **LEITURA SIGNIFICATIVA NO ENSINO SUPERIOR**

Silvana Neumann Martins<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente estudo parte de reflexões sobre a importância da leitura significativa no processo de ensinar e de aprender. Neste trabalho, leitura significativa é aquela que, depois de terminada, gera conhecimentos, propõe atitudes e analisa valores, aguçando e refinando os modos de perceber e de sentir a vida por parte do leitor. Os 369 universitários participantes da pesquisa, que responderam questionários e perguntas dirigidas, com abordagens quantitativas e qualitativas, são estudantes do Centro Universitário UNIVATES, localizado na cidade de Lajeado, no Vale do Taquari. Este estudo traz a idéia de que, se o estudante conquista a prática da leitura significativa conseqüentemente escreverá melhor e tornar-se-á uma pessoa melhor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Leitura significativa. Ensino superior. Práticas docentes. Estudante universitário.

**ABSTRACT:** The present work starts reflecting on studies about the importance of meaningful reading in the teaching and learning process. In this study, meaningful reading is the one that, after it is done, generates knowledge, proposes attitudes and analyses values, sharpening and refining the reader's way of perceiving and feeling life. The 369 college participants in the research, who answered questionnaires and directed questions, based on qualitative and quantitative approaches, study at UNIVATES – Centro Universitário, located in Lajeado, in the Taquari Valley. This study brings the idea that, if the student gets the practice of meaningful reading, consequently, he/she will write better and will become a better human being.

**KEY-WORDS:** Education. Meaningful reading. Higher Education. Teaching practices. College student.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação

## INTRODUÇÃO

A leitura ocupa espaço privilegiado não só no ensino da língua portuguesa, mas também no de todas as disciplinas acadêmicas que objetivam a transmissão de cultura e de valores. Mais especificamente, a leitura, enquanto modo peculiar de interação entre os indivíduos e as gerações, coloca-se no centro dos espaços discursivos universitários, independentemente da disciplina ou área de conteúdo.

A leitura é um processo de criação e descoberta, dirigido ou guiado pelos olhos perspicazes do escritor, pois esse faz ver, ilumina e conduz o leitor a esferas mais amplas e profundas de percepção. A boa leitura é aquela que, depois de terminada, gera conhecimentos, propõe atitudes e analisa valores, aguçando e refinando os modos de perceber e sentir a vida por parte do leitor. É a chamada leitura significativa ou leitura com significado que, segundo Smith (1999, p. 72), é aquela em que os leitores dão significado ao que lêem, “empregando o seu conhecimento prévio do assunto e da linguagem do texto.”

Um dos grandes desafios deste início de século, em que um panorama de alto desenvolvimento científico–tecnológico está presente, é tornar o homem capaz de utilizar sua criatividade para gerar inovação e provocar mudanças no cenário em que está inserido. Isso implica uma postura sensível, dinâmica, responsável, independente e participativa. A universidade, na tentativa de enfrentar essa questão, tem buscado caminhos para reestruturar e renovar seus projetos pedagógicos, voltados à instauração de um ambiente de ensino-aprendizagem favorável à construção desse novo homem.

Este ensaio quer mostrar quão importante é a utilização da leitura significativa pelo professor no mundo universitário, já que acredito que a leitura é imprescindível para a formação do indivíduo que, nas suas múltiplas relações com o mundo físico, social e tecnológico, busca sua edificação de cidadão consciente e ético, capaz de compreender a realidade de seu tempo. Enfim, se a leitura significativa for utilizada como ferramenta pedagógica

nas salas de aula das universidades, esse novo homem poderá ser construído com mais facilidade.

Urge que o quadro que representa a leitura no nosso país seja repintado, pois sabemos que muitos estudantes brasileiros não conseguem realizar leitura significativa, pois não compreendem nem interpretam o que lêem, alcançando somente o estágio da decodificação de letras. Entra aí a importância da cultura erudita e disseminação da leitura significativa, aquela que vai além da decodificação de letras, aquela que faz sentido para o leitor. E isso deve acontecer de modo intenso no ensino superior, pois é lá que estão os estudantes dos cursos de licenciatura que serão os futuros professores de nossos jovens e é lá também que estão os futuros profissionais, que em breve estarão atuando no mercado de trabalho.

Por isso, o olhar científico deste ensaio quer tentar elucidar os questionamentos que envolvem o ato de ler no mundo acadêmico, mais precisamente no Centro Universitário UNIVATES, localizado em Lajeado, no Vale do Taquari. Este estudo investiga como acontece a leitura no ensino superior e, se a mesma ocorre, cabe averiguar se é significativa e se está auxiliando na formação de indivíduos que aprendem a conhecer, a fazer, a ser e a conviver (DELORS, 2001). Também quer averiguar as transformações que sucedem no estudante a partir de uma aula de língua portuguesa centrada na leitura significativa.

Esses questionamentos fizeram surgir o problema deste estudo: Como o professor do ensino superior pode contribuir efetivamente para que os estudantes universitários consigam realizar uma ação leitora significativa? As questões que norteiam este estudo são: Que tipo de ação leitora o estudante universitário da UNIVATES realiza? Que ações pedagógicas devem ser realizadas pelos professores, para que o processo de ensinar e aprender resulte em uma leitura com significado? Por quais transformações o estudante passa, após entrar em contato e se utilizar da leitura significativa?

Diante dessa problemática, o objetivo geral deste estudo é: diagnosticar o real significado de leitura e as possibilidades de

ação do educador com vistas à edificação de estudantes que realizem leituras significativas. Os objetivos específicos são: investigar e identificar as preferências de leitura do estudante da UNIVATES, propor metodologias de ensino para que a leitura significativa seja trabalhada em sala de aula e conquistada pelos estudantes, identificar as transformações ocorridas nos estudantes.

Sei que a discussão sobre leitura não é assunto novo, mas por que ainda muitos estudantes não conseguem realizar uma leitura significativa, uma leitura que, segundo Bloom (2001), consiga transformar o leitor e, conseqüentemente, o mundo ao seu redor?

## 2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

### 2.1 O ato de ler

Ler é um verbo transitivo direto que sempre vai exigir uma ação, a leitura. Ler, no seu sentido etimológico, origina-se do latim *legere* que, segundo o dicionário Ferreira (1986, p.1023) significa:

[...] percorrer com a vista proferindo ou não as palavras que estão escritas, mas conhecendo-as; recitar, pronunciar em voz alta; ver e estudar algo escrito; decifrar ou interpretar; reconhecer, perceber; explicar ou prelecionar como professor; adivinhar, predizer (ler a sorte); inquirir, perscrutar (ler a expressão do outro); ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras repetindo-as mentalmente ou em voz alta.

Considerar o ato de ler apenas no âmbito do dicionário é, contudo, aceitá-lo como decodificação mecanicista de signos lingüísticos e deixar de reconhecer a sua importância como produção de significados em todas as áreas do conhecimento. Portanto, ler é dar sentidos ao mundo e a si próprio, concepção que tem em Martins (1994, p.34) um conceito bem mais abrangente, quando o autor acentua que: “[...] aprender a ler

significa aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios.”

Ler, nos tempos antigos, antes da invenção de Gutenberg, era privilégio de poucos e, mesmo depois do século do Humanismo, a leitura só era acessível a uma elite culta. Mas, com o desenvolvimento tecnológico e econômico exigindo cada vez mais o intelecto das pessoas, o direito de ler começou a se propagar por todas as camadas sociais (BAMBERGER, 1987).

Ler, segundo Carvajal e Ramos (2001), é interpretar e compreender ativa e criticamente uma mensagem por meio de um processo dialógico indo ao encontro com a experiência, as idéias prévias e o conhecimento do leitor, bem como com as informações proporcionadas pelo texto e pelo contexto em que o processo é realizado.

O ato de ler será sempre uma atividade de interação entre o texto e a recepção do leitor. Esta recepção poderá ser mais profunda ou mais superficial. Se o leitor for um analfabeto funcional de nível 1 ou 2, a recepção será superficial, pois nesses níveis o leitor possui habilidades de leitura baixas ou básicas. Na primeira, o leitor só é “[...] capaz de localizar informações simples em enunciados com uma só frase, num anúncio ou nas chamadas de capa de revista.” Na segunda, os leitores são “[...] capazes de localizar informações em textos curtos” (RODRIGUES, 2003, p.17).

O interesse crescente sobre a importância da leitura significativa para a transformação individual e social me levou a ver que existem dois sentidos para a palavra alfabetizado. O primeiro aparece como decodificador de letras, palavras, frases e textos curtos, analfabetismo funcional de níveis 1 e 2. O segundo, que realmente interessa para a pesquisa, define alfabetizado como aquela pessoa que faz parte da cultura letrada, que pode circular na diversidade de textos que caracteriza a cultura letrada, pelo menos como receptora da mesma. Este tipo de leitor é considerado um analfabeto funcional de nível 3, que apresenta habilidade plena e é capaz de “[...] ler textos mais longos, localizar mais de uma informação, comparar a informação contida em diferentes

textos e estabelecer relações diversas entre eles” (RODRIGUES, 2003, p.17). Ferreiro (2003) segue ponderando que nos tempos modernos há a exigência de circular entre diversos tipos de textos, portanto devemos ser um leitor crítico e ter critérios para poder selecionar a leitura realizada.

Acredito que, para conseguir esse novo alfabetizado e uma leitura mais exigente, devo investir na abordagem global que, segundo Silva (2002), parte do princípio de que o leitor já tem a sua disposição competências de várias ordens para instaurar graus de compreensão nos textos que lê, criando um deslocamento da atitude monológica para a atitude dialógica, na qual o aluno também é sujeito do processo. Seguindo as colocações de Silva (2002), não devemos exigir do aluno que ele atribua o mesmo sentido que o professor atribuiu ao texto. A atribuição de sentido depende da história de cada leitor. Noto que a abordagem global premia e respeita o conhecimento prévio do leitor, e, pensando nesse assunto, é interessante refletir sobre as palavras de Paulo Freire (2003, p.11) : [...] a compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Molina (1992) ressalta que existem várias evidências de que nem todos os alfabetizados são leitores, no sentido mais amplo do termo, pois os mesmos decodificam, mas não alcançam compreensão. A autora também coloca que as experiências com estratégias de leitura, habilidades de estudo e desenvolvimento da compreensão devem fazer parte da rotina de todas as áreas curriculares. E lembra que não existe uma leitura, mas diferentes tipos de leitura: “Na escola, o aluno deve ter a oportunidade de ler textos provenientes de fontes variadas, que abranjam tanto a ficção quanto a não-ficção: folhetos, livros, revistas, jornais, peças publicitárias, e tudo o mais que a vida real puder oferecer, para

se familiarizar com os diferentes discursos que a escrita possa veicular” (MOLINA, 1992, p.9).

O discurso de todos os autores é semelhante, pois os mesmos questionam o ensino da leitura superficial e sustentam que a leitura significativa é aquela que deve ser ensinada, socializada pois, à medida que for trabalhada, trará a liberdade para o leitor, transformando-o numa pessoa crítica, autônoma, pesquisadora e ética. Portanto, devemos investir cada vez mais no ensino da leitura significativa para podermos repintar o quadro educacional brasileiro.

O desafio que surge é o de como colocar em prática tal leitura significativa e que estratégias devem ser utilizadas para que os professores tenham sucesso na formação de estudantes realmente leitores. As colocações de Sole (1998) vêm ao encontro do questionamento anterior pois, segundo a autora, o professor deve auxiliar o estudante a interiorizar as estratégias que lhe permitirão realizar uma leitura autônoma e eficaz: “Quando um professor pede aos seus alunos que digam “o mais importante deste capítulo”, “o que o autor quis transmitir”, ou quando essa recomendação aparece nos guias didáticos, é fundamental entender que não estamos ensinando a encontrar a idéia principal. “Nesses casos estamos verificando se o aluno pôde ou não a encontrar, em um ato que substitui o ensino pela avaliação, o que é bastante freqüente na instituição da leitura”(SOLE, 1998, p.138)

Quando a autora certifica que ainda sabemos muito pouco sobre como ensinar a leitura significativa, chegamos a um ponto delicado dos processos de ensinar e de aprender, que é a reflexão do professor sobre a sua prática, pois somente o professor que lê e acredita nas transformações realizadas pela leitura é que vai conseguir envolver o estudante universitário e fazer com que o mesmo comece a ler significativamente.

## **2.2 A leitura significativa – uma ferramenta para compreender o mundo**

As tecnologias, a efemeridade dos tempos, a falta de tempo, as várias opções que o mundo abre para cada um de nós, e principalmente para os jovens, levam normalmente a um ensino da leitura focalizado apenas em aprender a identificar letras, sílabas e palavras, e não a construir o novo leitor. Aprender a ler começa com o desenvolvimento do sentido das funções da linguagem escrita, pois ler é buscar significado, e o leitor deve ter um objetivo para buscar significado no texto. Para Smith (1999, p.72): “Os leitores devem dar significado – estrutura profunda - ao que lêem, empregando o seu conhecimento prévio do assunto e da linguagem do texto. Mas a utilização da informação não-visual é impossível se o material a ser lido não fizer sentido para o leitor.

Sabe-se que o ato de ler na escola e na graduação deve ter sentido, finalidade, e é acreditando nessa afirmativa que este trabalho pretende abordar a questão da valorização da leitura significativa no ensino superior. O leitor que realiza a ação leitora com significado é “um leitor ativo, que processa, critica, contrasta e avalia a informação que tem diante de si, que a desfruta ou a rechaça, que dá sentido e significado ao que lê” (TEBEROSKY, 2003, p.21).

Fica evidente que a concepção de leitura trazida pelos autores é de uma leitura que vai além da decodificação de letras, é uma leitura que envolve relações, contextualizações e que leva o leitor a uma transformação. Tal transformação promovida pela leitura significativa pode acontecer em diferentes campos, no cognitivo, no social, no psicológico ou no afetivo. Sobre o último, cito Cramer e Castle (2001), que abordam a importância da afetividade no aprendizado da leitura, organizando textos sobre aspectos e técnicas de afetividade no aprendizado da leitura, afetividade que contribui decisivamente na edificação de estudantes universitários com ações leitoras significativas.

Urge que o meio universitário utilize cada vez mais a leitura como ferramenta para compreender o mundo, pois a leitura,



segundo Carvajal e Ramos (2001), é um instrumento útil que nos aproxima da cultura letrada e permite-nos continuar aprendendo autonomamente em várias situações. Esta autonomia citada pelos autores é consequência de um papel ativo assumido pelo leitor, quando realiza uma ação leitora com significado.

Importante também acrescentar a abordagem que Silva (1995) faz sobre a leitura, quando a considera um processo de criação, de dinamização da produção de sentidos vivenciados por um grupo de pessoas, enquanto interação entre leitor e diferentes textos. O autor também cita a autonomia atribuída ao processo de leitura e concebe-a como uma função social muito importante, dando ao leitor espaço para posicionar-se de forma crítica diante da realidade. Segundo Silva (1995), aprende-se a ler pela curiosidade, pela necessidade, pelo prazer e só lê quem tem paixão pela leitura.

A trajetória da leitura citada por Silva (1995), deve ser perseguida, pois se torna necessária uma orientação para a passagem de uma leitura superficial para uma leitura mais complexa. Portanto, a socialização do indivíduo acontece também por meio da leitura, ao se deparar com produções significativas provenientes de outros indivíduos, por meio do código comum da língua escrita. Nesse diálogo que acaba acontecendo, “o sujeito obriga-se a descobrir sentidos e tomar posições, o que o abre para o outro” (BORDINI; AGUIAR, 1998, p.10-11). Nessa perspectiva, a leitura significativa é aquela que permite ao leitor condições de ler para compreender a realidade e situar-se na vida social.

Como educadores, temos a obrigação de abrir os horizontes de nossos estudantes por meio da leitura significativa de diversos tipos de textos. Temos a obrigação de assumir a nossa opção, que é política, e sermos coerentes com ela, na prática. Portanto, não basta ter o discurso de que a leitura é essencial para o indivíduo, mas temos o dever de assumir a posição de leitores assíduos em busca de uma leitura significativa, que nos fará, com certeza, cada vez mais reflexivos.

A leitura significativa funciona como um instrumento útil de interpretação cultural e favorece a apropriação da experiência e do conhecimento humano em um processo dialógico, mediante o qual o leitor tem acesso de forma dialética a outras informações, pontos de vista, representações e concepções de mundo. O professor deve acreditar que a leitura é uma ferramenta que auxilia todos os envolvidos no processo de ensinar e aprender a compreender o mundo e que a mesma deve ser utilizada por ele e por seus alunos.

A leitura não é, porém, apenas uma ferramenta que permite ter acesso às diferentes maneiras de interpretar a realidade que foi construída ao longo da história, mas, segundo os mesmos autores, é instrumento útil para aprender de modo significativo, aproximando leitores de múltiplas culturas, aumentando assim a própria cultura e, principalmente, para desenvolver um tipo particular de raciocínio reflexivo. Torna-se, portanto, imprescindível, se realmente quisermos que a leitura seja um meio de ampliar as possibilidades de comunicação, de acesso ao conhecimento e de descoberta do prazer de ler, que esta ferramenta seja utilizada incansavelmente no meio universitário.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Abordagens de pesquisa**

A presente pesquisa possui as abordagens quantitativa e qualitativa. Os indicadores quantitativos fazem parte do primeiro momento deste trabalho, momento este que serviu para traçar um perfil do estudante da UNIVATES e identificar suas preferências de leitura.

A pesquisa quantitativa foi também escolhida pois, segundo Booth (2000), é apropriada para medir tanto opiniões, atitudes, preferências e comportamentos. Se o objetivo desejado é saber quantas pessoas usam um produto ou serviço ou têm interesse em um novo conceito de produto, a pesquisa quantitativa expressa a resposta necessária para isso. Ela também é usada para medir um mercado, estimar o potencial ou volume de um

negócio e para medir o tamanho e a importância de segmentos de mercado.

Um dos problemas que surge diante da pesquisa quantitativa é não permitir penetração maior nos sentimentos dos questionados, deixando impressões fundamentadas para trás. Compreender a gama de aspectos que envolvem a leitura, as práticas docentes e o estudante são condições sine qua non para encontrar o elo entre a ação de ensinar e aprender e sua influência na formação da pessoa humana. Para se obter um resultado mais conclusivo de uma entrevista, devemos ter respostas mais amplas e complexas, por isso é fundamental saber os porquês de uma resposta. Diante desse paradoxo torna-se fundamental associar a pesquisa quantitativa a uma qualitativa. E é por isso que, num segundo momento, optei pela abordagem qualitativa.

Pelo viés qualitativo é possível estudar realidades muito específicas, e ao mesmo tempo abrangentes, viabilizando uma construção teórica mais aprofundada em relação aos fenômenos investigados. Essa abordagem exige uma imersão muito aprofundada nas temáticas oriundas do contexto da pesquisa, da problemática em questão e dos participantes da investigação, a fim de abarcar o fenômeno com profundidade e cientificidade, ao mesmo tempo que possibilita uma construção mais criativa por parte do pesquisador, que necessita extrair do fenômeno as diversas interfaces que possam emergir a partir da análise dos dados.

#### **4 CAMPO DE INVESTIGAÇÃO E SUJEITOS PESQUISADOS**

O estudo foi conduzido, inicialmente, com 305 estudantes do Centro Universitário UNIVATES, localizado na cidade de Lajeado, no Vale do Taquari. Dos 305 estudantes que participaram da pesquisa quantitativa, 229 estudavam à noite e 76 pela manhã. Alunos dos cursos de Direito, Letras, Administração, Enfermagem, Publicidade e Propaganda, Secretariado Executivo, Gestão Imobiliária, Nutrição, Relações Públicas, Biologia, Matemática e Jornalismo responderam ao questionário.

A média de idade registrada pelos informantes foi de 27 anos, tendo sido a idade mínima registrada de 17 anos e a máxima de 56. O público pesquisado em sua maioria estava cursando entre o primeiro e o quarto semestre, totalizando 57,3%. Destes, 18,4% cursavam o segundo semestre.

Posteriormente participaram da pesquisa 64 universitários matriculados no turno da noite na disciplina de Português Instrumental, que ocorreu nas quartas, no câmpus de Lajeado, e nas sextas, no câmpus de Encantado, cidade distante 30 km de Lajeado. A instituição foi escolhida por acolher a proposta do estudo com interesse, por eu trabalhar na mesma e ter fácil acesso ao corpo discente e docente e por ser a única instituição de ensino superior no Vale do Taquari.

Os 64 estudantes que participaram da pesquisa qualitativa eram em sua maioria estudantes de Administração e Ciências Contábeis. Todos trabalhavam durante o dia e estudavam à noite e tinham as mais diversas profissões: comerciários, bancários, contabilistas, industriários, secretárias etc.

## **5 COLETA DE DADOS**

Num primeiro momento analisei os dados coletados por meio dos questionários distribuídos aos 305 estudantes. As 10 questões do objeto de pesquisa foram devidamente quantificadas e tabuladas, servindo de suporte para a pesquisa qualitativa.

Num segundo momento, foram trabalhadas perguntas dirigidas com os 64 estudantes que tive na disciplina de Português Instrumental. Utilizei dois momentos para realizar a coleta de dados, um na 8ª aula do semestre e o outro na 16ª. As perguntas dirigidas foram entregues em papel para cada estudante. Os questionamentos foram lidos por mim, em voz alta, e as dúvidas devidamente esclarecidas. Após o esclarecimento das dúvidas, a turma dissertou sobre cada assunto individualmente e por escrito. O material foi recolhido e transcrito por mim. Nas aulas seguintes à atividade realizada, retornei os escritos para os estudantes e conferi com os mesmos minhas transcrições, tentando sempre manter a fidedignidade de suas respostas.

A escolha de questionários dirigidos como instrumento de pesquisa objetivou uma maior riqueza na coleta de informações e a tentativa de alcançar todos os envolvidos nas práticas docentes. Os questionários foram respondidos em sala de aula num clima de descontração e liberdade, quando cada universitário teve a oportunidade de desfrutar de momentos de parada e reflexão sobre o andamento da disciplina. Não interfeiri na produção das respostas e deixei liberdade para o aluno identificar ou não seu trabalho. Cabe postar que todos identificaram suas respostas mostrando a interação e confiança conquistadas entre docente e discentes.

## **6 ANÁLISE DOS DADOS**

Os dados coletados nos dois momentos foram analisados com base na análise de conteúdo, processo utilizado para analisar e descrever fenômenos na pesquisa qualitativa. Para Bardin (1977), a análise de conteúdo é uma análise dos significados ou dos significantes. Esta metodologia foi utilizada porque a reflexão do universo coletado abre para o conhecimento de aspectos e fenômenos impregnados na narrativa do coletivo pesquisado.

A análise de conteúdo, hoje chamada pelo professor Roque Moraes (1999) de “análise textual qualitativa”, tem sido utilizada no campo social, em que o olhar do pesquisador remete à identificação e à interpretação de fenômenos. Para Moraes (1999, p.3), “esse tipo de análise de certo modo é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção dos dados. Não é possível uma leitura neutra. Toda a leitura constitui uma interpretação.”

A análise textual entende os textos submetidos à análise como a expressão da multiplicidade de sujeitos participantes da amostra, assumindo também que toda leitura de um texto é uma interpretação. Assim, essa será resultante da interação do pesquisador frente aos fenômenos e aos dados pesquisados, associada a sua perspectiva teórica e sua subjetividade.

## 7 CONCLUSÕES QUE EMERGIRAM A PARTIR DESTA ESTUDO

A partir da experiência que tive com os 64 estudantes na disciplina de Português Instrumental durante um semestre, posso asseverar que o primeiro passo para que o universitário conquiste a leitura significativa é que o professor se transforme num *professor de leitura* (SILVA, 1995) e que tenha como meta primeira a aproximação e o relacionamento, pois primeiro o aluno deve ser cativado e conquistado para depois serem realizadas as mais variadas atividades pedagógicas em sala de aula, sempre conciliando magistério e autoridade, e dosando a liberdade do estudante que está à frente (SAVATER, 2000).

Retorno a este ponto lembrando as categorias que emergiram do estudo quantitativo, que tinha o objetivo de sintetizar os achados da pesquisa. *Identificar o perfil do estudante da UNIVATES e sua relação com a leitura* foi de extrema importância para a realização deste trabalho pois, pela abordagem quantitativa, pude traçar a silhueta do ambiente em que esta pesquisa foi realizada. Com base nessa categoria pude identificar o tipo de leitura praticada pelos universitários e esse dado norteou a escolha dos textos trabalhados em sala da aula na disciplina de Português Instrumental.

Primeiramente trabalhei os textos que foram identificados como preferência de leitura dos estudantes, trazendo para a sala de aula reportagens, artigos e crônicas retirados de jornais e revistas. A idéia era, num primeiro momento, ler aquilo que o aluno apreciava para depois trazer a diversidade de textos que foi trabalhada durante o semestre e também levar o aluno a realizar uma ação leitora mais complexa e mostrar para o mesmo que este tipo de leitura não é tão difícil como parece à primeira vista.

Por meio do estudo sobre *O papel do ensino superior na leitura dos universitários* pude constatar que os professores da UNIVATES estão incentivando e trabalhando leituras. A leitura trabalhada, na sua maioria, é mais dirigida aos conteúdos do programa das disciplinas ministradas nos diferentes cursos, e não uma leitura

mais abrangente que abre os horizontes do estudante e do professor, uma leitura que desenvolve a sensibilidade humana, que estimula a imaginação e que impulsiona o potencial criativo dos universitários e de seus professores. Partindo desse dado, iniciei um trabalho rigoroso envolvendo a leitura significativa na sala de aula, tentando cativar os alunos por meio dos mais variados textos e trabalhando o ensino da leitura como código para interpretar a realidade (COLOMER, 2002). Essa é a ação leitora que, ao meu ver, deve ser desenvolvida em todas as salas de aula, em todos os cursos de graduação, não somente pelo professor de Português, mas por todos os docentes, pois é uma modalidade de leitura que auxiliará na construção da autonomia e, conseqüentemente, da conquista da formação integral do estudante universitário.

Confesso que os resultados obtidos na categoria *A leitura significativa desmistificando a aula de Português*, que emergiu da pesquisa qualitativa, me surpreenderam, pois não imaginei que essas aulas tidas, como “diferentes”, fossem agradar tanto o público universitário. Pude constatar que as aulas ministradas no ensino médio e fundamental confundem, muitas vezes, ensinar gramática com ensinar português e penso que aí está o grande problema. Quero postar que, em nenhum momento, estou dizendo que não devemos ensinar gramática. O que estou querendo propor é que existem maneiras diferentes e mais atrativas de trabalhar a gramática numa aula de Português. Quando acentuo mais atrativas não estou querendo dizer que são aulas fáceis, pelo contrário, são aulas que exigem a participação e a produção constante do estudante.

A aquisição, por meio do trabalho com leitura significativa, dos quatro pilares da educação aprender a ser, aprender a conhecer, *aprender a conviver e aprender a fazer* foi comprovada pela categoria *os benefícios da leitura significativa*, pois o estudo mostrou a evolução conquistada pelos estudantes em diversas áreas. As subcategorias *evolução na frequência e nos tipos de leitura, evolução na oralidade e evolução na escrita* indicam que o estudante aprendeu a elaborar uma atividade que nunca tinha feito ou que fazia poucas vezes, que foi a leitura de livros e de

textos jornalísticos mais complexos e também de textos literários. Igualmente fez emergir nova relação com a oralidade, em que o universitário coloca que se sente mais à vontade para falar em público e que adquiriu maior intimidade com a escrita, deixando de lado os medos e angústias que normalmente cercam o ato de escrever.

A subcategoria *evolução cultural e intelectual* apontou que o estudante, por meio da prática da leitura significativa, aprende a conhecer textos e leituras diferenciadas. O contato com textos que abordaram arte, ciências, economia, política e tantos outros assuntos fez com que o estudante crescesse cultural e intelectualmente, comprovando que ler textos de fontes variadas leva o aluno a realizar ações leitoras mais complexas e contextualizadas.

Os estudantes *aprenderam a ser*, e a subcategoria da qual emerge esse pilar é a *evolução como ser humano*. Nessa subcategoria, os estudantes trazem depoimentos profundos, comprovando que a leitura significativa auxilia na formação integral do universitário, pois eles, na pesquisa, colocaram de forma intensa a questão da melhora como ser humano, e a maneira mais responsável e respeitosa de conviver com o outro.

A técnica do *filmezinho* auxiliou os estudantes a compreender e interpretar suas leituras. Portanto, essa técnica contribuiu para destacar os quatro pilares, aprender a fazer, aprender a conhecer, aprender a conviver e aprender a ser (DELORS, 2001), pois no momento em que o estudante consegue realizar a boa leitura e transformar as informações recebidas em conhecimento, passa a perceber o mundo ao seu redor com maior sensibilidade e com uma visão contextualizadora mais apurada, como podemos conferir no depoimento que segue: “Eu nunca tinha feito um trabalho tão amplo com leitura em sala de aula. E com essas leituras realizadas comecei a interpretar melhor os textos, ou seja, fazer o *filmezinho* e sempre tentar contextualizar a minha leitura, coisa que eu não fazia.”

Este estudo trouxe dados importantes sobre as transformações que ocorrem em estudantes universitários, quando os mesmos se



utilizam da leitura significativa, e propôs também metodologias de ensino para que a leitura significativa seja trabalhada em sala de aula e conquistada pelos estudantes universitários. Propostas simples, como a *técnica do filmezinho* ou uma aula de Português não centrada na gramática, em que o professor não é um sujeito inexistente, comprovaram que uma aula de Português pode ser atrativa e eficiente, desde que o professor se transforme em um *professor de leitura*, aquele que reflete sobre sua prática, constrói uma nova identidade, resgata sua dignidade e realiza uma leitura solidária e amorosa da pessoa do aluno.

Este trabalho também sugere que a leitura significativa perpassa todas as práticas pedagógicas que transitam numa universidade, já que a leitura está inserida no centro dos espaços discursivos universitários e porque ler significativamente desperta o desejo de ler mais, abrindo assim um canal de superação pessoal da mente e do espírito. Ler significativamente torna o estudante mais completo, mais capaz de lidar com a diversidade no complexo mundo contemporâneo. Ler significativamente leva o universitário a se descobrir como um ser sempre em busca de novas formas de compreensão de si mesmo e do mundo. Eis algumas razões para acreditar que trilhar o caminho da leitura significativa no mundo universitário possa ser uma ação propulsora do processo de construção de um ser autônomo e, como consequência, responsável pela busca de sua formação integral.

## REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1987.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOOTH, W. C.; COLOMB, G.C.; WILLIAMS, J.M. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 10-11.

CARVAJAL, F.; RAMOS, J. (Org.) **Ensinar ou aprender a ler e escrever?: aspectos teóricos do processo de construção significativa, funcional e compartilhada do código escrito.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

CRAMER, Eugene; CASTLE, Marrieta. **Incentivando o amor pela leitura.** São Paulo: Artmed, 2001.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir.** 6. ed. São Paulo: Cortez, Brasília: MEC/UNESCO, 2001. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRO, Emilia. **Passado e presente dos verbos ler e escrever.** São Paulo: Cortez, 2003, p. 16-20.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

MOLINA, Olga. **Ler para aprender: desenvolvimento de habilidades de estudo.** São Paulo: EPU, 1992.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** Educação. Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-31, mar. 1999.

RODRIGUES, Leandro. **A língua maltratada**. Ensino Superior. São Paulo: nov. 2003, p. 16-21.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola**: pesquisa x propostas. São Paulo: Ática, 1995.

SILVA, Maurício da. **Repensando a leitura na escola**: um outro mosaico. 3. ed. Niterói: EdUFF, 2002.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEBEROSKY, Ana et al. **Compreensão de leitura**: a língua como procedimento. Porto Alegre, Artmed, 2003.

